

ARCOS DE LUZ

A ESCULTURA DE MAR SOLIS

Maria João Fernandes

“Que tesouros tão fluidos e que energia tão tensa,
que relâmpagos fulgurantes, que flores tão sólidas!”

António Ramos Rosa – “Celebração de um corpo” – *A Rosa Intacta*.

Nos múltiplos rumos abertos pela escultura moderna a jovem e já consagrada artista espanhola Mar Solis (n. 1967) inventa o seu próprio arquétipo em sintonia com uma poética que Gaston Bachelard estudou em celebrados ensaios sobre a imaginação da matéria. O seu imaginário plástico centrado numa procura de formas orgânicas universais, traduz a vontade de abstracção de toda a escultura moderna inaugurada por Brancusi e ao mesmo tempo, no vitalismo mágico e transcendental dos seus ritmos e das suas “figuras” velozmente riscadas no espaço, o desejo de configurar as energias mais profundas de uma natureza mágica e cúmplice dos sonhos e secretas aspirações interiores do humano.

Esculturas sem corpo que parecem negar a terceira dimensão, corpos de uma novidade insubmissa e inocente no rigor tão natural e irruptivo que parece conduzi-las, e ao mesmo tempo tão requintada, como se um arabesco das caligrafias Arte Nova se tivesse revoltado e viesse habitar um século

depois estas escritas inspiradas pelos ritmos do ar, pelas solares emanções da luz e o bailado submarino das águas.

Escultura feminina talvez, que representa um acordar, um vir à luz de sentido genésico, de uma nova visão que implica uma escrita prodigiosa das energias da vida, espécie de caligrafia dos milagres e dos mistérios do espaço, das suas formas virtuais em todo o esplendor de um não ser que anuncia o ser. Formas latentes no espaço, estruturas de ausências cintilantes preenchidas por uma intocável claridade na luz de arabescos tácteis. Arcos de luz navegante como o dealbar de nuvens peregrinas que logo desaparecem. Lógica do aparecer e do desaparecer, lógica de um teatro de sombras que parece suspender o tempo com a pura respiração do dia.

Duetos de luz e sombra ressuscitando na pele das aparências o sopro de uma pulsação primeira. Os mágicos arabescos de Mar Solis como escreveu a filósofa poeta Maria Zambrano “rondam e esvoaçam” (...), “fantasmas de algo, ser ou acontecimento, descoberto realmente na vida de todos os dias”, imagens visionárias perseguindo uma “verdade nunca descoberta”, como “a razão deixada no espaço” (1). Signos e figuras do espaço, da lógica subtil de uma razão criadora e fecundante, de um oculto pensamento da vida misturado os sonhos da terra, do fogo, da água e do ar, refúgio secreto de uma matéria feminina e dúctil, semente do maravilhoso que a natureza encerra e lib erta.

As escritas naturais de Mar Solis, enraizadas no humano, dele se soltam, como as raízes do ar são impelidas pela vocação da luz. Citando ainda Maria Zambrano: “avisos do puro sentir que vive envolto no esquecimento em todos os homens, figuras e signos impressos de muito

longe e de muito perto, signos do universo.” (2) Reconduzem-nos ao nosso habitat original, o de uma natureza aberta à liberdade do espaço, arcos de luz caudalosa e dançante.

Caligrafias do espaço que devolvem o tempo à sua origem, a uma nascente, mágico horizonte onde deixaram vestígios, fugitivo bater de asas, pássaros de uma madrugada desconhecida. Brilha o frágil gume de um silêncio mais intenso do que a luz e mais luminoso do que o dia, palpável segredo, fonte de rubis, sangue cristalino de uma noite de milagres estende as suas pétalas, sol ainda mergulhado em águas anteriores.

A noite e o dia, o silêncio, a luz, a luz do silêncio, a terra e a água, terreno fértil das imagens na escultura de Mar Solis, metáforas vegetais imitando os ritmos de crescimento da vida, uma vida íntima, feita de vestígios, ramificações luminosas de uma memória que se confunde com a solidão, limiar de experiências desconhecidas, recolhimento das formas mais humildes e despojadas de toda a vaidade. Elogio de um conhecimento adormecido no âmago das coisas, que se lembra de ter sido árvore insubmissa, lago com margens de fogo, luar fugitivo.

Esta simplicidade do que é natural une-se à delicadeza e à extrema sofisticação de uma linguagem de metáforas silenciosas, espécie de limbo onde estão guardadas as nossas sensações mais antigas. Cofres de ímpetos vegetais a que a escultura dá forma. Fluidez da água e dos ritmos da água coroada de luz.

À escuta da transparência olhamos o invisível destas ramificações de presenças cintilantes, cheias de melancolia e de uma beleza que se desdobra no bailado caligráfico da escultura. Nada somos talvez além deste sopro,

desta evanescente solidão, desta aspiração à carícia da luz numa estação que jamais existirá. Nada somos, ter-nos-ão dito. E então é necessário respeitar estas lições materiais e vegetais que simplesmente se permitem respirar e sorver o dia no seu repouso cristalino, na sua vontade de ascender impetuosamente, sem que isso perturbe a ordem da vida. Porque esta vida mais íntima e luxuriante, aceita a prisão do espaço, nega-a e afirma subtilmente que somos puro fulgor, exaltação, recusa do nada.

Notas:

1. María Zambrano – “Signos, Sementes” - *Clareiras do Bosque*, Edição Relógio de Água, Lisboa, 1995, pp. 111,112.
2. María Zambrano – “ Os Signos Naturais”. Op. cit, pp113,114.